

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Pedro Henrique Rodrigues Nogueira

**REMINISCÊNCIA E APRENDIZAGEM
NO MÊNON DE PLATÃO**

BRASÍLIA

2023

Pedro Henrique Rodrigues Nogueira

**REMINISCÊNCIA E APRENDIZAGEM
NO MÊNON DE PLATÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Gabriele Cornelli.

BRASÍLIA

2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gabriele
Cornelli (Orientador) – UnB

Prof. Dr. Eduardo Wolf
Pereira – UnB

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos meus pais, Carla Kellen e Elias Nogueira, pelo carinho e apoio incondicional durante todo esse tempo. São os alicerces da minha vida.

Agradeço a inserção da filosofia como disciplina obrigatória no ensino médio. Sem esse ato dificilmente teria o contato com o universo sublime e fascinante da filosofia. Igualmente, a todos e todas as docentes que tive o prazer e o privilégio de presenciar e prestigiar durante o curso na UnB. Em especial o professor Gabriele Cornelli, pelo apoio e orientação durante o processo de pesquisa e de escrita. Além disso, pelo fato dele ter sido a pessoa que me apresentou Platão e Sócrates de uma forma cativante e fidedigna.

A todos que não foram elencados, mas que contribuíram em meus objetivos na vida.

“Uma vida não examinada não vale a pena ser vivida” - (Pl. Ap.38a)

*“Oh, divina música
Tua magia nos envolve a alma
Tua sutileza nos seduz
Pois emanas a luz
Que enebria e acalma
Tu és a linguagem dos cantores
Tuas entonações
Nos inspiram amores*

*Música, nos traz saudades coloridas
De trovadores em serestas
E das canções sentidas”*

Samba enredo 1971 - Rapsódia de Saudade (Mocidade independente de Padre Miguel)

Resumo

Esta monografia pretende analisar o diálogo *Mênon* de Platão. Importa, sobretudo, como Platão delinea uma conexão entre a reminiscência e a aprendizagem. Para tal feito, abordaremos como o *paradoxo erístico* inicialmente se apresenta como um obstáculo, mas é solucionado pela explicação da reminiscência, o que possibilita o conhecimento. Em seguida, discorreremos propriamente acerca de como se desenvolve a articulação entre reminiscência e a aprendizagem. Por fim, analisaremos o que constitui a teoria de aprendizagem defendida pela figura de Sócrates, ao passo que, constitui o exercício de aprender, isto é, o exercício de recordar, dado que esses são sinônimos para denominar a teoria de aprendizagem de Platão. Bem como, examinaremos o papel que Sócrates exerce nesse processo de aprendizagem, rompendo com o binarismo mestre-discípulo.

Palavras-chave: Platão. Sócrates. *Paradoxo erístico*. Reminiscência. Aprendizagem.

Abstract

This dissertation aims to analyze Plato's dialogue *Meno*. Above all, it matters how Plato draws a connection between recollection and learning. For this purpose, we will approach how the eristic paradox initially presents itself as an obstacle, but is solved by the explanation of recollection, which makes knowledge possible. Next, we will discuss exactly how the articulation between recollection and learning develops. Finally, we will analyze what constitutes the learning theory defended by the figure of Socrates, while, if it constitutes the exercise of learning, that is, the exercise of remembering, given that these are synonyms to name Plato's theory of learning. As well as, we will examine the role that Socrates plays in this learning process, breaking with the master-disciple binarism.

Keywords: Plato. Socrates. Eristic paradox. Recollection. Learning.

SUMÁRIO

Introdução	8
1. Reminiscência no <i>Mênon</i>	11
1.1 O paradoxo erístico	11
1.2 A solução do paradoxo erístico	14
1.3 O que é a reminiscência no <i>Mênon</i> ?	16
2. A conexão entre epistemologia e aprendizagem	18
2.1 A condição epistêmica para a teoria de aprendizagem em Protágoras	18
2.2 A reminiscência como condição para a teoria de aprendizagem em Platão	20
3. A teoria de aprendizagem no <i>Mênon</i>	23
3.1 A diferença entre ensinar e aprender no <i>Mênon</i>	23
3.2 O <i>Exercício</i> como aprendizagem para Sócrates	25
3.3 O Papel de Sócrates no processo de aprendizagem	28
4. Considerações Finais	31
Referências Bibliográficas	34

Introdução

Platão é reconhecido como o maior filósofo de todos os tempos. Como atesta Cornelli na apresentação da obra *Platão* de Trabattoni (2012):

Há autores imprescindíveis. Platão, um dos principais protagonistas da história do pensamento filosófico ocidental, é certamente um deles. Ainda ecoa, em sua polêmica ousadia, a célebre expressão de Whitehead, pela qual “a maneira mais segura de definir a tradição filosófica europeia é afirmar que ela consiste numa série de notas-de-rodapé a Platão”. (Trabattoni, 2012, p.7)

Ao analisar a filosofia de Platão percebemos que esse discorreu sobre vários temas. Tanto é verdade que, mesmo em um único diálogo, é possível identificar diversas questões em jogo. Porém seu único mérito não consiste no fato de ter explorado uma vastidão de questões. Isso, por si só, já seria de grande apreço, mas também pelo fato da sua cuidadosa e complexa capacidade de articular e amarrar todos esses temas, visando conhecer o ser humano e o universo por completo. Tal leitura também é defendido por Kraut (2013):

Nesse sentido, pode-se dizer que ele inventou a filosofia como um instrumento distinto, pois é claro que, muitos embora todos os esses tópicos fossem debatidos por intelectuais seus predecessores e contemporâneos, ele foi o primeiro a reuni-los, dando lhes um tratamento unitário. (Kraut, 2013, p. 15)

Podemos ainda citar o exemplo do diálogo *República*, no qual Platão desenvolveu a relação de educação e política. E por fim, Santos (2008) argumenta pela união entre metafísica e ontologia, aliás, ele denomina de *ontoepistemologia*. Ademais, poderíamos citar outros exemplos, porém, considero estes argumentos apresentados serem suficientes para demonstrar como essas conexões permeiam a filosofia de Platão. Sendo assim, a filosofia de Platão constitui uma “filosofia como disciplina unificada e abrangente”, como bem sintetizado por Kraut (2013, p. 18).

Não é diferente, no que diz respeito às conexões entre epistemologia e educação. Platão articula um tangenciar entre a epistemologia e a teoria de aprendizagem. Em outras palavras, a reminiscência enquanto fundamento epistemológico para a teoria de aprendizagem, dado que, sem uma teoria do que seja o conhecimento seria inviável uma teoria de como adquirir o aprendizado.¹

Mênon é o diálogo onde ocorre esse encontro intimamente fundido dessas teorias. Em suma, o esforço empenhado do presente trabalho consiste em apresentar e defender, que a reminiscência é a condição imbricada para a teoria do aprender como recordação em Platão. Nessa mesma linha de raciocínio disserta Porto (2006): “Os aspectos epistemológicos envolvidos na educação também são objeto de estudo filosófico desde Platão, que apresenta, no diálogo *Mênon*, uma abordagem sistemática desse assunto.” (Porto, 2006, p.7).

Passemos agora, a estrutura do presente trabalho que irá se constituir da seguinte forma. Serão objetos de estudo do primeiro capítulo, o significado e as funções do *paradoxo erístico* e como esse é solucionado pela via da teoria epistemológica da reminiscência.

Já no segundo capítulo, o eixo central perpassa em analisar como as conexões entre epistemologia e educação se apresentam na visão do sofista, Protágoras. Dado que, esse sintetiza o que Sócrates se opõe epistemologicamente, por conseguinte também no campo da teoria de aprendizagem. Além, de debruçarmos acerca da própria visão de Platão dessa união entre o epistêmico e a teoria de aprendizagem.

E por último, no terceiro capítulo, tendo já visto o campo epistêmico e a conexão entre a reminiscência e a aprendizagem. Iremos dedicar propriamente à teoria da aprendizagem, no qual argumentamos em prol da interpretação do *exercício* de relembrar como teoria de aprendizagem desenvolvido por Sócrates no diálogo *Mênon*.

Como se observa acima, alguns pontos pormenores, que aparentemente fogem do eixo da confluência entre epistemologia e educação serão explorados. Isso se faz necessário, tendo

¹ O autor Lira (2008) também advoga nessa linha de pensamento: “sequer percebem que a noção de ensino pressupõe necessariamente a possibilidade do conhecimento e está imbricada no processo de aprendizagem.” (Lira, 2008, p. 15)

em vista que esses conceitos e questões “não centrais” estão totalmente interligados ao eixo central do presente trabalho.

1. Reminiscência no *Mênon*

1.1 O paradoxo erístico

Antes de adentrarmos no cerne do presente trabalho, é indispensável analisarmos como a questão do conhecimento é suscitada no diálogo *Mênon*, não só para melhor compreensão, mas tendo em vista que o *paradoxo erístico*² é parte intrínseca da questão epistemológica e por conseguinte do aprendizado, e seus desdobramentos futuros.

O termo erística provém da palavra grega *erís*³, que significa divergir, disputar. No diálogo *Mênon*, Sócrates não define aquilo que ele entende por erístico. Tal feito é realizado no diálogo *Eutidemo*. Segundo Couto (2019) é possível definir a erística como:

Em Platão, a erística é entendida como a arte da controvérsia que frequentemente envolve um raciocínio falacioso, porém, convincente ou aparentemente convincente; ou seja, que busca sempre a vitória na argumentação, ainda que, para fazê-lo, seja necessário utilizar de argumentos ardilosos. (Couto, 2019, p. 17)

Esse tipo de argumentação é calcado dos sofistas, sendo da natureza teórica desses, no qual sempre visam vencer o debate, independente da verdade ou falsidade da sentença em questão. Posto que, Sócrates está em embate epistemológico, linguístico, metafísico e também educacional com os sofistas. O argumento erístico acerca da possibilidade do conhecimento é uma preciosa e central questão a ser contraposto pelo filósofo Sócrates no *Mênon*. Haja vista, que os argumentos erísticos norteiam toda uma concepção de investigação, verdade e possibilidade ou não do conhecimento.

Após estas breves considerações gerais da natureza dos argumentos erísticos, é preciso levar em consideração em quais contextos aparecem o *paradoxo erístico*, visto que

² Alguns autores chamam de paradoxo de *Mênon*. Ex: Scolnicov (1988) e Fine (2013). A decisão de utilizar paradoxo erístico é pelo fato que Sócrates utiliza a palavra erístico no diálogo. Assim, pretendo conversar o termo utilizado pelo próprio. (Pl. *Men.* 80 e)

³ (gr. Εριστικός)

toda vez que esse aparece, exercem ligações com outras questões vigentes no diálogo *Mênon*. O *paradoxo erístico* aparece duas vezes durante o diálogo. A primeira aparição, o paradoxo erístico é suscitado por Sócrates. Consistindo em uma problematização acerca da possibilidade ou não do conhecimento. A passagem a seguir demonstra isso:

E, quem não sabe o que uma coisa é, como poderia saber que tipo de coisa ela é? Ou te parece ser possível alguém que não conhece absolutamente quem é Menon, esse alguém saber se ele é belo, se é rico e ainda se é nobre, ou se é mesmo o contrário dessas coisas? Parece isso possível? (Pl. *Men.* 71b).

Uma primeira questão já poderia causar estranhamento ao leitor (a). Poder-se-ia objetar. Por qual motivo Sócrates suscita um argumento erístico? Posto que, como colocado anteriormente, ele é contrário a esse tipo de argumentação sofisticado-erística. A resposta se localiza na passagem anterior. Em virtude disso, é necessário analisar os diálogos platônicos não só como sentenças puras e abstratas, contendo só argumentos por si mesmo⁴. Levando em consideração os contextos e os personagens envolvidos, dado que as passagens possuem suas particularidades e representações. Como argumenta Casertano (2016), a filosofia de Platão se expressa e se constitui através de representações teatrais:

Cada diálogo é uma «obra de arte filosófica», como disse Gomperz, no sentido em que representa ao vivo o processo através do qual os homens, alguns homens, “constroem” e “fazem” filosofia: cada um deles retratado com o seu feitio, com as suas opiniões, com os seus receios, com as suas esperanças: todos esses factores que fazem parte da atitude filosófica. Porque a filosofia é, fundamentalmente, diálogo de homens, assim como o pensamento é essencialmente um diálogo, mesmo quando a alma está sozinha consigo mesma. (Casertano, 2016, p. 139)

Concentremos então na passagem anterior ao aparecimento do *paradoxo erístico*. Ora, Mênon é o representante das ideias sofistas no diálogo presente, tanto é que este admite possuir admiração por Górgias (Pl. *Men.* 71 c / 95 c). Além disso, seu modo de investigar os objetos é bem característico dos sofistas, como fica nítido na passagem (Pl. *Men.* 70 a). No qual Mênon pergunta para Sócrates, na esperança de receber uma resposta pronta de Sócrates acerca da natureza da virtude, ou seja, se ela é ensinamento, ou é aprendido ou algum outro

⁴ Um exemplo desse tipo de interpretação está presente nos comentários de Fine. (2013). Ela adota uma linha de análise mais analítica, sem levar em consideração outros fatores.

tipo de fonte. Sócrates, ao contrário, deixa claro que não pretende ensinar a Mênon, já se colocando em oposição aos sofistas (SCOLNICOV, 1988, p. 51), pois os sofistas advogam possuir a verdade. Diz Sócrates: "O responsável por isso entre vós é Górgias. [...] E, em especial, infundiu-vos esse costume de, se alguém fizer uma pergunta, responder sem temor e de maneira magnificamente altiva". (Pl. *Men.* 70 b). Assim, é importante enfatizar que o diálogo tem também como uns dos seus objetivos, argumentar contra os pressupostos sofistas, dentre eles o *paradoxo erístico*, epistemológico e educacional, esses dois últimos serão analisados posteriormente no presente trabalho.

Sócrates responde a Mênon, que nada sabe sobre a virtude (71 a) e em seguida suscita o *paradoxo erístico*. Em contrapartida, Mênon considera que ele próprio já tende o saber acerca da virtude, tanto é que ele é categórico em afirmar: "Mas não é difícil dizer, Sócrates [...]". (Pl. *Men.* 71 e).

Dessa maneira, Sócrates se utiliza do argumento erístico, visando levar Mênon a um estado de aporia, esse é o objetivo da primeira aparição do *paradoxo erístico*. Tanto é que a validade ou não do paradoxo não é nem debatido nesse momento. Sócrates tem como objetivo analisar as opiniões que Mênon tem sobre o que seja a virtude. Desse modo, na realidade, Sócrates inicia uma busca não pelo saber da virtude, isso será na segunda aparição, mas sim uma busca pelo estado de aporia, ou seja, para eliminar as falsas certezas e influência de outrem sobre suas investigações. No caso do Mênon é o pensamento advindo, sobretudo do sofista Górgias (Pl. *Men.* 73 c). Assim, a aporia é o que caracteriza essa primeira aparição do paradoxo.

Já na segunda aparição do *paradoxo erístico*, após uma sucessão de tentativas de busca da definição do que consiste a virtude por Mênon e Sócrates. Observamos que Sócrates encontra-se já em estado de aporia desde o início do diálogo, e agora também Mênon encontra-se em estado de aporia. O objetivo da primeira aparição do *paradoxo erístico* está concluído, ambos se encontram no mesmo estado de aporia. Tanto é que Mênon reconhece que as opiniões que ele tinha sobre virtude não são sustentáveis e é ele que retorna o *paradoxo erístico*:

É de que procurarás, Sócrates, aquilo que não sabes absolutamente o que é? Pois procurarás propondo-te <procurar> que tipo de coisa, entre as coisas que não conheces? Ou, ainda que, no melhor dos casos, a encontres, como saberás que isso < que encontras> é aquilo que não conhecias?. (Pl. *Men.* 80 d)

Nesta segunda aparição temos a “versão completa do paradoxo erístico”, tendo em vista dois motivos. Primeiro, que a problemática da possibilidade ou não da investigação do conhecimento aparece “É de que procurarás” (Pl. *Men.* 80 d). Outrora na primeira aparição, essa questão não tinha sido suscitada por Sócrates. Na primeira aparição, o foco principal era reconhecer a ignorância, isto é, o estado de aporia pelo Sócrates. Na segunda aparição, nessa versão completa, será debatido a validade ou não desse suposto paradoxo.

Agora o objetivo é solucionar o *paradoxo erístico*. Como bem aponta Trabattoni (2019): “No Mênon, trata-se de ultrapassar o 'paradoxo erístico', segundo o qual não podemos aprender nem o que já sabemos (pois isto seria inconsequente) nem o que não sabemos (pois isto seria impossível.)” (2019, p. 6).

1.2 A solução do paradoxo erístico

No que se segue sobre a solução do paradoxo. Existem duas linhas de interpretação sobre o assunto. A primeira, basicamente defendida por Fine (2013). Ao seu ver, a solução do *paradoxo erístico* é o *elenchus*. A razão para tal se baseia no fato de que para Fine, o *elenchus*: “desarma o paradoxo [...] a investigação é possível na ausência do conhecimento” (2013, p. 261). Enquanto a reminiscência tem como função justificar o próprio *elenchus* (2013, p. 263), isto é, a reminiscência tem o papel somente de distinguir entre crenças verdadeiras de crenças falsas.

Ao afirmar que o *elenchus* é a solução, Fine (2013) considera que o conhecimento é possível via *elenchus*. Em certo sentido, o que Fine realiza é trocar as funções entre a reminiscência e o *elenchus*. Tal troca não tem fundamentação. Um primeiro contra-argumento possível é o fato que o *elenchus* não poderia e não seria viável o alcance do conhecimento sozinho, esse não pode exercer o papel epistêmico. Ionescu (2018) pontua bem esse ponto de vista:

However, I cannot agree with the claim she seems to be making that *elenchus* can lead to knowledge all by itself; to lead to knowledge *elenchus* needs to be supplemented by (an)other method(s) of search, whether the method of hypothesis or collection and division, or some other dialectical approach. (Ionescu, 2018, p. 27)

Um ponto em específico que discordo da presente passagem da Ionescu (2018) é no que diz respeito à necessidade de outro método de pesquisa, ou seja, o fato de considerar a reminiscência como método de pesquisa. Como bem argumenta Trabattoni (2019) no artigo “*Reminiscência e Metafísica em Platão*”, no qual ele aponta para uma tendência dos estudiosos contemporâneos de considerar a reminiscência como método de pesquisa (2019, p. 2). Tal linha de interpretação encontramos no trabalho de Fine (2013) e Ionescu (2018).

Além disso, Trabattoni (2019) alerta para não cairmos no risco de confundir os papéis e funções que a reminiscência, dialética e eu acrescentaria também, o *elenchus* exercem. Diz ele:

São duas coisas completamente diferentes. Enquanto que a reminiscência é a condição de possibilidade metafísica para o conhecimento, a qual não corresponde a nenhum método concreto é enunciada no *Fédon* apenas para demonstrar que a alma existe antes do corpo), a dialética é precisamente o método de cognição que o homem deve utilizar na sua condição presente. (Trabattoni, 2019, p. 7.)

O *elenchus* parte de uma teoria epistêmica, ponto que nem é considerado pela Fine, que é a reminiscência, como defendemos. Se o *elenchus* é exame, por conseguinte só pode ser algum tipo de método e não a própria teoria epistemológica.

Um outro ponto contra a interpretação de Fine (2013) é decorrente do fato dela não levar em consideração o diálogo *Fédon*. O que acaba por limitar sua interpretação, posto que é no *Fédon*, onde mais elementos teóricos acerca da reminiscência são discutidos e apresentados.

Com efeito, penso, dar-se aí o seguinte: a solução do paradoxo, ou seja, da possibilidade ou não de se conhecer é a teoria da reminiscência. Somente uma teoria epistêmica poderia superar o paradoxo. Tanto é que a explanação da reminiscência é suscitada pelo Sócrates logo em seguida do paradoxo, como tentativa deste de superar a aporia que ambos se encontravam.

Por fim, posto que o *paradoxo erístico* foi ultrapassado pela explicação epistemológica proposta por Sócrates, isto é, a reminiscência. Sócrates diz que é o momento da investigação acerca da virtude, dado que a possibilidade de conhecer está assegurada: “já que estamos de acordo em que é preciso procurar aquilo que não se conhece, que tratemos conjuntamente de procurar o que é afinal a virtude?” (Pl. *Men.* 86 c).

1.3 O que é reminiscência no *Mênon*?

A teoria da reminiscência permeia até hoje imensa influência no debate epistemológico, tanto para seus apoiadores quanto para os críticos de tal concepção. As formulações da reminiscência estão presentes em diversos diálogos de Platão, incluindo os diálogos *Mênon*, *Fédon* e *Fedro*. Cada diálogo traz suas particularidades e contextos envolvidos. Concentramos nossos esforços em saber como é formulada no *Mênon*, mas sempre que for necessário, iremos recorrer a outros diálogos, sobretudo no *Fédon*, para melhor compreensão.

Como já exposto anteriormente, a reminiscência é a solução do *paradoxo erístico* apresentado por Sócrates a Mênon. Mas em que consiste propriamente essa solução? Sócrates recorre às palavras dos sacerdotes e sacerdotisas e do poeta Píndaro, que ele teve contato. Aliás, é muito frequente nos diálogos platônicos. Tomo por exemplo, o diálogo *Banquete*, onde Sócrates relembra os ensinamentos da sacerdotisa e filósofa, Diotima de Manteneia acerca da temática do amor. Lafrance (2007) oferece uma excelente explicação pelo fato de escolha do poema de Píndaro por Platão:

Selon la légende, Perséphone, la déesse des Enfers et l'épouse de Hadès, était la fille de Zeus et de Déméter. Elle avait été enlevée par Hadès, avec la complicité de son frère, Zeus, mais sans le consentement de sa mère Déméter. Zeus finit par céder aux supplications de son épouse, Déméter, et demanda à Hadès de lui rendre sa fille. Mais cela n'était plus possible puisque Perséphone avait mangé un grain de grenade. Alors Zeus décida que Perséphone partagerait son temps entre la Terre et les Enfers. La citation de Pindare veut montrer qu'à l'instar de Perséphone, l'âme humaine doit aussi partager son temps entre les réalités terrestres et le royaume d'Hadès. (Lafrance, 2007. En ligne).

Como bem aponta Lafrance (2007), Sócrates cita a passagem do mito, pois ele extrai do poema e preceitos religiosos a visão de que a alma é imortal e já nasceu várias vezes. "[...], Ser possível a ela rememorar aquelas coisas justamente que já antes conhecia " (Pl. *Men.* 81 c). Assim, uma das bases da reminiscência está na fundamentação religiosa⁵, a partir da qual desembocará o desenvolvimento das bases filosóficas da reminiscência.

⁵ Jaeger também disserta em prol disso na obra *Paidéia*: “ Platão recorre ao mundo de idéias do mito religioso” (Jaeger, 1986, p. 488).

Temos que ter em mente que os pressupostos filosóficos da reminiscência têm melhor exposição no diálogo *Fédon*, sobretudo pelo fato que é no *Fédon* que os pressupostos metafísicos da reminiscência aparecem com mais evidências. Contudo, os diálogos se conectam de alguma forma, posto que no diálogo *Fédon*, Cebes faz uma autocitação à concepção apresentada no *Ménon*. “[...] Não vem senão reforçar essa conhecida teoria que trazos constantemente à baila”. (Pl. *Phd.* 73 a).

Com isso, é razoável afirmar que o diálogo *Ménon* é anterior ao de *Fédon*. Lafrance (2007) também disserta em prol disso: “Cette référence permet d’établir sans l’ombre d’un doute l’antériorité du *Ménon* sur le *Phédon*.” (2007). É razoável afirmar, que temos no diálogo *Ménon* uma demonstração mais calcada na prática, enquanto no *Fédon* uma demonstração mais voltada para o âmbito teórico da reminiscência (Trabattoni, 2019, p. 3).

Um outro ponto introduzido somente no *Fédon* é o dos pressupostos metafísicos⁶ que estão ancorados na teoria da reminiscência. Esse ponto é bem explorado pelo Trabattoni (2019): “Por esta altura se torna evidente que a doutrina da reminiscência só poderá ser adequadamente entendida se tivermos em conta o dualismo metafísico em que assenta, o qual, por sua vez, está ligado à imortalidade da alma.” (Trabattoni, 2019, p. 7).

Dessa maneira, a reminiscência é a teoria epistêmica, no qual o conhecimento é o processo que o ser humano rememora as coisas apreendida pela alma em outras vidas (Pl. *Men.* 81 d). Tendo as bases da reminiscência ancorada na metafísica, como bem foi exposto anteriormente. Sendo que a reminiscência desemboca como fundamento para a teoria de aprendizagem. Tal tangenciar veremos com mais detalhes no próximo capítulo.

⁶ Obviamente, o lado metafísico não será explorado por completo, tendo nosso foco mais na reminiscência, porém é importante pelo menos citar a importância que os preceitos metafísicos exercem na reminiscência.

2. A conexão entre epistemologia e aprendizagem

2.1 A condição epistêmica para a teoria de aprendizagem em Protágoras

As tensões entre os sofistas⁷ e Platão são bem conhecidas na história da filosofia. Como bem atesta McKirahan (2018):

Platão se opunha aos sofistas por outros motivos. Ele via-os como inimigos da sua concepção de filosofia. Para Platão, os sofistas representavam as posições e os valores errados e, conseqüentemente, a maneira errada de viver a própria vida, de se comportar em relação aos outros e de participar na vida da pólis. (McKirahan, 2018, p. 119)

As discordâncias entre Protágoras e Platão não se restringem somente ao campo político, mas perpassam também no campo epistemológico. O que acarretará, por conseguinte, igualmente no âmbito pedagógico. Entender como os sofistas conceberam a epistemologia e a educação, é fundamental, pois, esse era o principal plano de fundo no embate epistemológico-pedagógico que Platão estava inserido na sua época.

Iremos trabalhar somente com a teoria do sofista Protágoras. Para esse fim, limitei, por motivos de natureza, não explorar as contribuições de Homero no debate educacional da Grécia antiga, tendo em vista que acabaríamos por fugir demasiadamente do assunto. Acrescenta-se a isso, o fato que são os sofistas os alvos em questão do diálogo *Mênon*.

Isto posto, importa, portanto, a conexão que reside entre epistemologia e aprendizado em Protágoras. Para tal, se faz necessário, primeiramente, discorrer acerca da concepção de conhecimento presente em Protágoras, que Sócrates dedica boa parte do diálogo *Teeteto* em apresentar e criticar a concepção epistemológica de Protágoras.

O conhecimento para Protágoras é concebido como percepção, como bem é ilustrado no diálogo *Teeteto* na passagem (Pl. *Tht.*152 b). Ademais, também aparece nesse diálogo a concepção do conceito *Homo Mensura*. O presente conceito consiste que o ser humano é o

⁷ Para uma boa introdução acerca da palavra por McKirahan (2018):“ ‘sofista’ originalmente significava ‘pessoa sábia’ e era aplicada a estadistas, poetas e líderes religiosos – pessoas que se acreditava ter uma sabedoria particularmente importante (σοφία). Na segunda metade do século V a.C., a palavra passou a ser aplicada a um novo e distinto grupo de pessoas: professores de habilidades retóricas e outros assuntos”. (2018, p.119)

ponto referencial epistemológico. Diz Sócrates “doutrina de que uma coisa é para qualquer indivíduo que a ele parece ser ” (Pl. *Tht.* 161 c).

Em sua análise, Scolnicov (1988) aponta a posição epistemológica adotada pelo Protágoras, tendo como ponto de referência a praticidade, ou melhor, o “saber-fazer”. Desse modo, a questão do valor de verdade, no qual uma sentença possui é desconsiderada, o cerne da epistemologia é os fins práticos:

For them, the relevant questions were not those of truth and falsehood, but those of what is and what is not effective in this or that situation, of expediency, of know-how, of what are the best means to further one's own ends. Even Protagoras' essay on Truth and Gorgias' treatise on What-is-not, speculative as they may be, served them as epistemological foundations for practical positions. (Scolnicov, 1988, p. 5)

Em virtude dessa finalidade do “saber-fazer” de Protágoras é possível notar que tais pressupostos terão uma implicação também na teoria de aprendizagem desenvolvida por esse, sobretudo no diálogo *Protágoras*.

Dessas constatações, deve-se extrair que a educação entra como uma das finalidades do “saber-fazer” para Protágoras. Aliás, a teoria de aprendizagem não remete a uma formulação teórica de como obter o conhecimento verdadeiro das coisas pelo sujeito. Pelo contrário, a teoria de aprendizagem volta-se para os melhores meios para que as transformações de opiniões ocorram no sujeito (Pl. *Tht.* 166e), almejando os fins práticos em jogo, sobretudo os fins políticos.⁸

Ao lado disso, no que diz respeito às transformações das condições no sujeito. Sócrates ao interpretar a teoria de Protágoras e expô-la a Teeteto, diz para Protágoras, o docente (sábio) é aquele que tem capacidade de mudar o que aparece, tal como um médico. Vejamos a passagem:

Entretanto, deve ser efetuada uma mudança de uma mudança de uma condição à outra condição, já que esta é melhor. Assim, no âmbito da educação, é necessário que uma mudança seja realizada de uma condição pior que uma melhor. O médico produz a mudança por meio de remédios, ao passo que o professor profissional a produz por meio de palavras. (Pl. *Tht.* 167 a)

Como se observa nessa passagem, é através da retórica que a teoria de aprendizagem de Protágoras se manifesta e consegue obter seus objetivos, que é transformar o sujeito,

⁸ McKirahan faz uma explanação sobre: “Protágoras declarava ensinar excelência na deliberação (Prt. 319a: εὐβουλία) e tornar seus alunos pessoas melhores (318b). Ele ensinava seus alunos a argumentar sobre os dois lados de uma mesma questão, uma prática ainda considerada como um treinamento útil para debates”. (McKirahan, 2018. p. 121)

independentemente do valor de verdade do assunto em questão. A retórica é uma ferramenta de grande importância para os sofistas. Sendo considerada como a principal característica dos sofistas. Segundo McKirahan (2018):

O objetivo da retórica é a persuasão. Os Sofistas ensinavam seus alunos a falar de maneira persuasiva nas assembleias e nas cortes judiciais, de modo a terem sucesso nas arenas competitivas da política e processos judiciais. Alguns deles escreveram manuais sobre retórica. (McKirahan, 2018, p. 124)

Além disso, nota-se como o docente tem um papel de interferir no outrem. Por isso, Protágoras defende o ensinar como modelo de teoria de aprendizagem, que consiste na concepção que um sujeito detém o saber, no caso de Protágoras, logo esse possui a capacidade de mudar opiniões, no outrem.

Assim, conclui-se que a teoria do aprendizado em Protágoras tem suas bases na epistemologia e essa influência de forma decisiva na teoria de aprendizagem. Veremos como esse tipo de conexão também está presente no pensamento de Platão.

2.2 A reminiscência como condição para a teoria de aprendizagem em Platão

Em todo o itinerário platônico observamos diversas conexões entre os tópicos filosóficos, tendo em vista os diversos assuntos abordados nos diálogos (Kraut, 2013, p. 16), seja de um lado, seja de outro lado. Mesmo que, de algum modo, não sejam explícitos numa primeira leitura dos diálogos. Para tal feito, impõe-se uma detalhada análise nos pormenores dos diálogos de Platão.

Basta lembrarmos, o que já foi exposto acerca da conexão entre a metafísica e a epistemologia em volta da reminiscência⁹. Ou ainda, a conexão da reminiscência e da ética, como postula Casertano: “Como se vê, no *Mênon* o discurso sobre a imortalidade da alma está intimamente ligado à sua finalidade ética, em que mito e raciocínio se misturam para realçar essa mesma finalidade.” (Casertano, 2016, p. 20).

De fato, tais conexões parecem não ser tão nítidas em uma primeira leitura do diálogo *Mênon*. Porém, quando examinada atentamente a reminiscência. Verifica-se que Platão não concebe somente como solução para o *paradoxo erístico*. Ao invés disso, Platão delineia que a reminiscência seja o pressuposto para uma formulação de uma concepção de aprendizagem.

⁹ Ao lado disso, o que já foi apresentado na introdução do presente trabalho.

Nesse sentido, é possível analisar sobre o prisma de uma conexão coesa entre o epistemológico e a aprendizagem.

Como Platão postula no diálogo *Mênon*, a alma já aprendeu a totalidade outrora (Pl. *Men* 81 d e 86 a). O que resta é através da estrutura epistêmica, que é a reminiscência, efetua o ato de lembrar o que já foi apreendido outrora¹⁰. Por isso, lembrar é aprender, ao utilizar a estrutura epistêmica, estou já implicando no que já foi aprendido em outro momento.

A partir dessa sentença “relembrar é aprender” abre-se um debate. Reside em tal sentença, uma correlação, isto é, uma equivalência entre a reminiscência e o aprendizado, fundada em só uma teoria? Para Franklin (2005) a reminiscência é concebida como uma teoria do aprendizado:

[...] The argument for recollection has ordinary learning as its immediate explanandum, and philosophical understanding as its ultimate explanandum. Altogether, the Theory of Recollection is a synoptic theory of learning, ranging from the inception of speech and thought to the acquisition of knowledge. (Franklin, 2005, p. 289)

Porém a nossa defesa é em prol que a reminiscência seja a base para a teoria de aprendizagem, mas não sendo esses dois, a reminiscência e o aprendizado, constituindo um campo endógeno. Conjuntamente, por outro lado, isso implicaria uma outra consequência dessa acepção. É que isso posto, se ignora que existe uma teoria de aprendizagem com suas autonomias e particularidades próprias.

A saber, não é que sejam iguais, pelo contrário, a epistemologia é a estrutura, enquanto o aprendizado é o processo, o ato. Santos (2008) também argumenta em favor dessa interpretação:

Uma coisa é definir o saber como um conjunto de estruturas onto epistemológicas que o constituem a priori, organizando a realidade sensível e possibilitando sua exploração. Outra é fazer consistir a aprendizagem (em termos platônicos, aquisição de saber) na plena recuperação destas estruturas, apoiada numa metodologia de investigação definida [...] (Santos, 2008, p.55)

¹⁰ Acerca disso, tem-se tais passagens, o que complementa a ideia “relembrar é aprender”:(Pl. *Phd.* 72 e - 76 e)

Em suma, ao que foi argumentado neste capítulo, Platão formula sua filosofia em uma completa concernência entre a reminiscência e a teoria de aprendizagem. Por conseguinte, devemos respeitar tais relações, quando formos interpretar seus respectivos postulados, almejando a melhor concepção dos movimentos presentes nos diálogos, no que diz respeito às questões epistemológicas e educacionais.

Tendo analisado tal conexão, se faz necessário a análise do último elemento restante, a teoria de aprendizagem, ou seja, o processo para relembrar do que já foi aprendido, ou nos termos de Santos “A aprendizagem deve ser entendida como o processo de “recuperação” (reconhecimento) dessas estruturas.” (Santos, 2008, p. 56). Dessa maneira, a teoria da aprendizagem será a questão principal no próximo capítulo.

3. A teoria de aprendizagem no Mênon

3.1 A diferença entre ensinar e aprender no *Mênon*

Ora, já tendo analisado tanto a teoria epistêmica quanto como essa se relaciona com a teoria de aprendizagem nos capítulos anteriores. Reservamos neste capítulo concentrar nossos esforços em investigar o que seja a teoria de aprendizagem conforme expressa por Platão no diálogo *Mênon*.

A questão educacional principal do diálogo, aliás, é a pergunta que abre o diálogo *Mênon* pelo personagem Mênon. É comum a interpretação que a passagem (*Pl. Men. 70 a*) se resume ou limita à discussão da ensinabilidade, ou não, da virtude. Como atesta a interpretação de Fine (2013) “Mênon inicia o diálogo perguntando se a virtude pode ser ensinado” (Fine, 2013, p. 238). Porém, tal linha de interpretação é mal colocada. Bastando ler a passagem original (*Pl. Men. 70 a*) do diálogo para verificar a falta de fundamentação dessa linha de interpretação:

Podes dizer-me, Sócrates: a virtude é coisa que se ensina? Ou não é coisa que se ensina mas que se adquire pelo exercício? Ou nem coisa que se adquire pelo exercício nem coisa que se aprende, mas algo que advém aos homens por natureza ou por alguma outra maneira. (*Pl. Men. 70 a*)

Como é bem evidente na passagem acima. Mênon não questiona apenas e exclusivamente se a virtude é ensinável. Longe disso, o que ocorre é a sucessão de perguntas sobre o processo de aquisição do saber, que no caso é a virtude. Seria a virtude algo ensinável? Ou do âmbito do aprendido? Por inatismo? Ou ainda outra fonte?

Ater-se-á que a presente passagem diz respeito ao campo da teoria de aprendizagem. Embora, na época de Platão não tivesse nem a área de estudo e nem mesmo a terminologia, é possível identificar na passagem as tensões acerca desse tema. Dessa maneira a passagem (*Pl. Men. 70a*) não é sobre a ensinabilidade ou não da virtude, mas reverbera questões inerentes à teoria da aprendizagem.

Em que consiste propriamente dito a teoria da aprendizagem? Segundo Moreira (1999), um dos principais estudiosos brasileiros na temática da teoria de aprendizagem, é

possível defini-la como: "Uma teoria de aprendizagem é, então, uma construção humana para interpretar sistematicamente a área de conhecimento que chamamos aprendizagem. [...] tenta explicar o que é aprendizagem e porque funciona como funciona." (Moreira, 1999, p. 12).

Efetivamente, Platão formula uma teoria de aprendizagem, é notório seus esforços em construir uma, principalmente no diálogo *Mênon*. Em tentar explicar o que é a aprendizagem e como essa se constituiu. Além disso, dentro do modo de expressar suas teorias, como a teoria da reminiscência ou teoria das formas. A teoria de aprendizagem é desenvolvida durante todo o diálogo *Mênon*, e não em sentenças específicas do diálogo, sendo localizadas em certas partes do diálogo.

O erro de interpretação por alguns comentadores em torno da passagem (Pl. *Men.* 70a), interpretando como uma questão de ensinabilidade ou não. É certamente pelo fato da ausência de diferenciação entre ensinar e aprender. Tendo esses conceitos significados completamente distintos. Na própria linguagem do grego antigo existe essa diferença. A palavra ensinar em grego é *didasko*, enquanto aprender é *manthano*.

Efetivamente, podemos tomar como exemplo dessa falta de diferenciação, as considerações de Koyré (1988) que faz sua explanação acerca do diálogo *Mênon*. Desconsiderando a distinção entre ensinar e aprender. Koyré concebe o sentido de ensinar como algo autônomo ¹¹. Mesmo que ele tenha tentado ressignificar que o conceito de ensinar tivesse um significado de não transmissibilidade de conteúdo, o correto é atribuir a palavra aprender e não ao termo ensinar.

Koyré (1988) também advoga pela interpretação que Sócrates ensina para Mênon e para a pessoa escravizada. Segundo ele: "Com efeito, se Sócrates pôde ensinar a geometria ao escravo de Mênon, foi porque na alma do escravo havia vestígios, marcas, germes do saber geométricas." (Koyré, 1988, p. 27). Ou ainda, quando insinua que Sócrates é um mestre da virtude "Não é claro que toda a sua acção - incluindo a discussão com Mênon e Anitto - não é mais que um ensino da virtude?" (Koyré, 1988, p. 27).

¹¹ Koyré (1988) diz: "Dado que a virtude é ciência, ela só pode ser ensinada como se ensinam as ciências, quer dizer, por um esforço de descoberta do aluno e não por uma educação imposta pelo mestre" (Koyré, 1988, p. 27)

Todavia, antes mesmo da passagem entre Sócrates e a pessoa escravizada citada pelo Koyré (1988). Mênon já tinha suscitado a pergunta se Sócrates poderia lhe ensinar. Sócrates é categórico na resposta: “Ainda há pouco te dizia, Menon, que és traiçoeiro; eis agora que me perguntas se posso te ensinar - a mim, que digo que não há ensinamento mas sim rememoração" (Pl. *Men.* 82 a).

Com efeito, sem dúvida, somos forçados a pensar que a constatação de Koyré¹² é totalmente errônea acerca da defesa que a teoria de aprendizagem defendida pelo Sócrates constitui o ensino. Pelo contrário, é o aprender como já foi absolutamente provada.

Por essas razões apontadas anteriormente, é pertinente a constatação de que tais interpretações não são fundamentadas. Configurando um desvirtuar das questões educacionais presentes no diálogo *Mênon*. Conjuntamente, sendo indícios de como as questões educacionais são pouco exploradas pelos comentadores da filosofia de Platão. O que desemboca em uma perda de análise de diversas questões e além disso, uma perda de respaldo nos temas mais recorrentes pelos comentadores.

Assim, para finalmente responder à pergunta suscitada no início do capítulo. É certamente o caso de afirmar, portanto, que a teoria de aprendizagem desenvolvida pelo Platão no diálogo *Mênon* é o aprender. O contrário, que é o ensinar, na realidade é alvo de crítica pelo próprio Platão, através do personagem Sócrates.

3.2 O *exercício* como aprendizagem para Sócrates

A aprendizagem é umas das principais questões dispostas. É razoável considerar a reminiscência, a virtude e o aprendido como os três principais temas do diálogo *Mênon*. Scolnicov (1988) destaca bem esse ponto: “The Meno is, among other things, an inquiry into the concept of learning” (1988, p.51).

¹² Capelle (1972) no livro *historia de la filosofia grega* também advoga em prol dessa linha de interpretação: “Pero si la virtud descansa en un saber, no cabe duda que tiene que ser también posible enseñarla, a no ser que alguien carezca de inteligencia y, en consecuencia, no tenga capacidad para recibir tal enseñanza” (Capelle, 1972 p.134).

Sendo a passagem do metadiálogo¹³ (Pl. *Men.* 82 c-85 b) o ponto central da teoria de aprendizagem desenvolvida no diálogo *Mênon*. É nessas passagens que Sócrates tenta demonstrar na prática em que consiste sua concepção da teoria de aprendizagem. Reside, portanto, no metadiálogo o momento da prática de tudo que foi anteriormente teorizada pelo Sócrates no diálogo, visando que após a demonstração, o próprio Mênon tire suas próprias conclusões, se Sócrates ensinou a pessoa escravizada ou se a pessoa escravizada conseguiu obter o saber por conta própria.

A passagem começa com Sócrates perguntando se a pessoa escravizada fala grego, sendo este o caso em questão. Isso é importante, dado que, caso os envolvidos não falem a mesma língua, é impossível a iniciação do diálogo. O tema da “aula” em questão é a geometria¹⁴.

A despeito do fato que Sócrates não impõe sua visão acerca do assunto para o outro, por isso não é viável a interpretação que ele ensina como já exposto anteriormente. Pelo contrário, o que se tem no metadiálogo (como também no diálogo todo) é uma série de perguntas, ou seja, um diálogo entre os envolvidos, que visam fazer com que a pessoa escravizada relembre algo que ele já teve contato outrora, tal como a descrição da reminiscência sugere (Pl. *Men.* 83 d). Reside, portanto, um *exercício* de lembrar por parte da pessoa escravizada.

Duas palavras são de suma importância para compreender a teoria de aprendizagem em questão. A palavra *exercício* (Pl. *Men.* 70 a/ 75 b) e a palavra caminhar (Pl. *Men.* 84b). A palavra *exercício* traz a noção de que o aprender é uma ação que só pode provir do próprio sujeito interessado, cabendo a ele exercer a busca por conta própria. Por outro lado, o caminhar traz a ideia de que o sujeito realiza um percurso de um ponto inicial a um ponto final. No caso da pessoa escravizada, mas também de Mênon durante todo o diálogo, é sair

¹³ Termo utilizado por Santos (2008) para designar as passagens do diálogo entre Sócrates e a pessoa escravizada.

¹⁴ Acerca da importância da geometria no processo educacional. Stenzel (2021): “O Mênon deixa claro, em todo caso, que Platão explorou com o auxílio da matemática uma área de clareza e exatidão inigualáveis. Com olhar arguto chegou a entender a eficiência do pensamento matemático”. (Stenzel, 2021, p. 170 e 171)

do ponto que acha que sabe de algo, passando para o estado de aporia, para enfim buscar em si mesmo a resposta correta. A passagem a seguir do metadiálogo ilustra bem o caminhar proposto:

SO. Estás te dando conta mais uma vez, Mênon, do ponto de rememoração em que já está este menino, fazendo sua caminhada? <Estás te dando conta> de que no início não sabia qual era a linha da superfície de oito pés, como tampouco agora ainda sabe. Mas o fato é que então acreditava, pelo menos, que sabia, e respondia de maneira confiante, como quem sabe, e não julgava estar em aporia. Agora porém já julga estar em aporia, e assim como não sabe, tampouco acredita que sabe." (Pl. *Men.* 84 b).

É essa imagem do exercício de caminhar como teoria de aprendizagem construída pelo Platão sendo verbalizada e incorporada pelo personagem Sócrates no diálogo *Mênon*. De acordo com Sproesser (1992):

A pesquisa, a investigação são vistas como exercício, como algo que se faz e refaz. É assim que vai indicando um caminho, literalmente, um método... Sócrates raramente deixa seu interlocutor às escuras, orientando-o. Há sempre, contudo, a liberdade do interlocutor de seguir ou não a orientação (Sproesser, 1992, p.19)

Sócrates elenca duas características imprescindíveis para o exercício de aprender na seguinte passagem: “Essa pessoa descubra todas as outras coisas, se for corajosa e não cansar de procurar” (Pl. *Men.* 81 d-e). Primeiro, que a pessoa que busca aprender deve possuir coragem para tal. Impossível alguém ter coragem pelo outrem, cabendo somente a cada sujeito ter coragem. Ainda mais, tendo em vista que é o aprender, logo não é possível a transmissão do conhecimento de outrem. Desse modo, necessário se faz, que o sujeito tenha coragem de percorrer os caminhos para obter o saber encadeado.

Segundo, que a pessoa seja incessante na busca pela verdade das coisas. Nesse ponto é importante, tendo em vista que o sujeito não pare em alguma etapa da caminhada, sobretudo no momento de aporia, ou seja, do reconhecimento de que nada sabe sobre o assunto.

Por conseguinte, essas características elencadas por Sócrates traz a noção de que o aprendizado exige uma união entre pensamento e ação. A coragem¹⁵ e o persistir, enquanto

¹⁵ “SO. E se a verdade das coisas que são está sempre na nossa alma, a alma deve ser imortal, não é?, de modo que aquilo que acontece não sabemos agora - e isto é aquilo de que não te lembrar - é necessário, tomando coragem, tratares de procurar e de rememorar.

ação do indivíduo, conjuntamente com o caminhar intelectual, ou seja, o exercício de rememorar como aprender. A morte de Sócrates como descrita no diálogo *Fédon* é um ilustre exemplo da união entre pensamento e ação. Sócrates poderia facilmente ter fugido da prisão, porém Sócrates desempenha a união entre o campo teórico e prático, sendo coerente com suas convicções. Acerca desse ponto Scolnicov (2003) faz um excelente apontamento:

Ao relermos a Apologia por este ângulo, uma sentença se destaca. “A vida não examinada não é digna ao homem de vivê-la.” Sócrates a levou tão a sério, que estava pronto a morrer para não contradizê-la. Ele poderia ter aceito a oferta de Platão e de Críton. Mas isto equivaleria a conceder o ponto a seus acusadores. Ele poderia ter escapado da prisão, como Críton o teria persuadido. Mas isto significaria abandonar a filosofia, e sua vida não seria mais uma vida de auto-examinação. (Scolnicov, 2003, p. 56)

Em suma, a teoria de aprendizagem desenvolvida por Platão como foi exposta é o exercício de rememorar, que algumas vezes é denominado pelo sinônimo de aprender durante o diálogo. Ao lado disso, o exercício (aprender) de rememorar está ligado totalmente a uma caminhada entre estágios de conhecimento e reconhecimento. Que somente é possível com uma altitude de ação (coragem) e persistência desse para atingir o conhecimento pleno.

3. 3 O Papel de Sócrates no processo de aprendizagem

Tendo em vista todos os argumentos manejados anteriormente acerca da teoria de aprendizagem, é pertinente suscitar algumas perguntas. Qual é o papel que Sócrates exerce como docente no processo de aprendizagem? Seria ele um mestre? Seria um orientador? Ou até mesmo não é possível estabelecer uma relação docente-discente?

Uma resposta para tais perguntas não é fácil, posto que, Sócrates foge da relação clássica mestre-discípulo. Bigge (1977) destaca que:

O método socrático implica em que o professor não tenha conhecimento, ou em que, pelo menos, não procure transmiti-lo; em vez disso, procure extrair informação dos alunos através de questões habilidosamente formuladas. O método

MEN. Parece-me que tens razão, Sócrates, não sei como.” (Pl. *Men.* 86b).

fundamenta-se no princípio de que o conhecimento é inato, mas que é impossível evocá-lo sem a ajuda de especialistas (Bigge, 1977, p. 24)

Mênon desde o início esperava em Sócrates um mestre, no qual pudesse transmitir o conhecimento sobre a virtude. Porém esse se depara com o contrário. Invés de respostas prontas, temos um diálogo cheio de perguntas, aporias e poucas afirmações. Em suma, esse é o modelo de um diálogo¹⁶, isto é, de uma conversa, mas uma conversa com etapas, aporias e uma busca do conhecimento como objetivo, é o que observamos durante todo o livro.

Ao lado disso, durante todo o diálogo *Mênon*, não é só Sócrates que estimula o conhecimento nas questões debatidas. Pelo contrário, o próprio Sócrates é colocado como alguém que está ali para aprender com Mênon igualmente. Na passagem (Pl. *Men.* 75 c) Mênon questiona o critério utilizado por Sócrates para definir o que é uma figura. Mênon disserta: "Se alguém dissesse que não sabe o que é a cor, mas estivesse em relação a ela na mesma dificuldade que a propósito da figura". Sócrates aceita as críticas proferidas por Mênon. Tanto é que Sócrates irá utilizar essa nova abordagem, que diz que é preciso que os termos usados sejam compreensíveis aos interlocutores, até mesmo no metadiálogo com a pessoa escravizada.

Até que ponto o diálogo *Mênon* tende a expressar mais elementos da filosofia de Platão ou propriamente de Sócrates? Esse tipo de questão também é recorrente sobre o papel de Sócrates no processo de aprendizagem. Azevedo (2003) interpreta que *Mênon* é um diálogo em que temos tantos elementos socrático (*só sei que nada sei*), como também elementos oriundos de Platão, esse considerando alguns pressupostos iniciais. Diz Azevedo: "Só a partir do *Mênon* e do *Fédon* encontramos em Platão o termo *methodos*, lit. "caminho por onde", neologismo com o qual se assinala uma nova ordem de interesses, centrada na pesquisa metodológica" (Azevedo, 2003, p. 270).

¹⁶ A importância do diálogo como relação discente-docente também reverbera no pensamento de Freire (1986): " O diálogo é a confirmação conjunto do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e reconhecer o objeto de estudo. Então, em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse posse fixa do professor, o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto ``. (Freire, 1986, p. 125).

Essa interpretação parece satisfatória, posto que, Sócrates em alguns momentos diz que não sabe. Tomo por exemplo, o início do diálogo, quando Mênon pergunta para Sócrates se ele sabe o que é virtude. Sócrates diz que não sabe nada sobre a virtude (Pl. *Men.* 71 b). Por outro lado, Sócrates tem um método de aprendizagem que deve ser utilizado, visando chegar à verdade, ou seja, algum tipo de saber acerca do caminho a ser trilhado.

A saber, as respostas e o caminho propriamente dito, isso será analisado por ambas as partes no momento da análise. Por isso, Sócrates elenca características e suscita metáforas como vimos anteriormente, mas não elenca respostas das questões debatidas. Posto que, isso já foi aprendido por todos outrora e sendo somente no âmbito individual alcançável as respostas propriamente dita.

Isto posto, o papel de Sócrates no processo de aprendizagem não é de mestre das respostas, mas sim de problematizador, examinador e aluno também. A figura de Sócrates é transgressora do modelo padrão mestre-discípulo, que aliás a Grécia antiga é uma das fontes de tal concepção. A aprendizagem e os envolvidos no processo de aprendizagem se encontram numa relação não vertical e sem prevalecer uma figura de autoridade, pelo contrário, temos uma relação de múltiplas funções, ora examinador, ora aluno, ora problematizador.

Considerações Finais

O presente trabalho ao longo dos três capítulos almejou uma leitura do diálogo *Mênon* de Platão desenvolvendo e provando a correlação entre reminiscência e aprendizagem. Começamos pela análise do *paradoxo erístico*, posto que esse é um ponto fundamental para a compreensão da reminiscência. A nossa tese propõe que a reminiscência é a tentativa por parte da figura de Sócrates de superar o *paradoxo erístico*. Conjuntamente, com uma leitura fidedigna das funções do paradoxo e da concepção que a reminiscência exerce no campo epistemológico.

Enquanto no segundo capítulo. Interessou, sobretudo, elucidar e comprovar como a filosofia desenvolvida por Platão tem como característica articular correlações entre campos de interesses. No caso analisado em questão consistiu em analisar e fundamentar como a reminiscência, ou seja, a área epistemológica é o que possibilita a construção de uma teoria de aprendizagem.

Se considerarmos a hipótese contrária fica nítida a contradição que ocorreria. Caso Sócrates advoga-se pelo ensinar, isto é, pela concepção que o conhecimento é transmitido do docente para o aluno, cabendo esse último só uma função de passividade. A teoria de aprendizagem entraria em contradição absoluta com a teoria epistemológica. Dado que, o próprio Sócrates disserta no diálogo “e tendo a alma aprendido todas as coisas outrora” (Pl. *Men.* 81 d). Não seria preciso o professor transmitir, algo que ele já aprendeu em outro momento, que traz dentro de si.

É certamente o caso de afirmar, portanto, que há mesmo uma correlação entre a epistemologia e a teoria de aprendizagem, ao passo que, Platão não só formulou tal conexão, como também de forma a manter a coerência das respectivas teorias envolvidas.

Já no último capítulo discorremos acerca da teoria de aprendizagem traçada no *Mênon*. Perpassando o debate de qual modelo de aprendizagem é defendido por Platão. No

presente caso é o aprender e não o ensinar. Além disso, esses dois não são sinônimos, mas sim visões totalmente distintas de como funciona a aquisição de saber pelo sujeito.

Posteriormente ainda no capítulo. Em que consiste propriamente o aprender foi o eixo central trabalhado. Verificou-se que Platão argumenta e desenvolve em prol do que denominei de exercício de rememorar, que tem seu sinônimo a palavra aprender. Sendo o aprender um exercício de rememorar os saberes que a alma já teve contato outrora. Ao passo que, com isso, o aprender é algo que somente o sujeito pode buscar, a partir de duas características imprescindíveis: a coragem e a persistência.

Ao fim, no capítulo três discutimos sobre o papel de Sócrates no processo de aprendizagem. Por certo, Sócrates exerce um papel mais de suscitador e problematizador, conjuntamente ele também está envolvido no processo de aprendizagem, logo ele não é alguém que só auxilia, mas também aprende com as pessoas envolvidas no diálogo.

Espera-se que tenhamos sido os mais fidedignos possíveis com relação à exposição da filosofia de Platão no diálogo *Mênon*. Realizando uma leitura cuidadosa e atenta das questões propostas nos textos platônicos, assim como das interpretações de excelentes comentadores.

Além disso, mesmo que o presente trabalho não tenha como um dos seus norteadores uma releitura contemporânea dos assuntos educacionais contidos no diálogo *Mênon*, é inegável que o diálogo tem muito a reverberar nos debates educacionais do século XXI. Tendo em vista que o adotado na maioria das escolas do mundo é o ensinar, isto é, o transferir do docente para o discente. Como bem atesta Freire (1987): “Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação”. (Freire, 1987, p. 33). Sendo essa relação de passividade, falta de criatividade e reduz novos voos de saberes para a humanidade.

O aprender defendido por Platão através da figura de Sócrates se mostra uma teoria de aprendizagem que consegue desempenhar e incorporar melhores condições de aquisição de saber para o indivíduo e para a sociedade no geral.

A figura de Sócrates presente em *Mênon* é um sublime convite para refletirmos sobre a importância dos elementos epistemológicos e como esses se articulam com os elementos pedagógicos. Assim, espera-se que tenhamos instigado o leitor(a) a adentrar no rico universo filosófico-pedagógico em *Mênon* e realizado uma boa construção dos pontos defendidos neste trabalho. Tendo como horizonte uma aprendizagem autônoma, autêntica, complexa e reflexiva. Além, da importância da relação entre teoria e prática estar interligadas. E por fim, uma busca pelo saber encadeado e fundamentado pelos envolvidos no processo de aprendizagem.

Referências Biográficas

Fontes antigas

PLATÃO. *Fédon*. Introdução, versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000

PLATÃO. *Mênon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet, tradução de Maura Iglesias. Ed. PUC- RIO: Loyola. Rio de Janeiro, 2001.

PLATÃO. *Teeteto*. Diálogos I: Teeteto, sofista, Protágoras; Tradução, textos complementares e notas Edson Boni. Bauru, SP: Edipro, 2007.

Fontes secundária

AZEVEDO, Maria. *Da maiêutica socrática à maiêutica platônica*. Humanitas. LV, p.265-281, 2003.

BIGGE, Morris. *Teorias da aprendizagem para professores*. 1a /8a reimpressão, São Paulo, E.P.U., 1977, p. 1-32, p. 308-36.

CAPELLE, Wilhelm. *Historia de la Filosofia Grega*. Madrid: Editorial Gredos, 1972.

CARNEIRO, Oscar. *Aprender é recordar: conhecimento e aprendizagem por reminiscência no Mênon de Platão*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP). 2008.

CASERTANO, Giovanni. *Alma, morte e imortalidade*. Archai, n. 17, may - aug., p. 137 -157. (2016).

COUTO, Carolina. *Erística: uma arte do falar e argumentar em Platão e Aristóteles*. 2019. 65p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Filosofia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

CORNELLI, Gabriele; LOPES, Rodolfo. *Platão*. McKirahan, D. capítulo VI. São Paulo: Paulus; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

IONESCU, Cristiana. (2018). *Elenchus, Recollection, and the Method of Hypothesis in the Meno*. *Plato journal*, 17, 9-29.

JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. (tradução Artur M. Parreira) - Martins Fontes. São Paulo, 1986.

KOYRÉ, Alexandre. *Introdução à leitura de Platão*. Trad. Helder Godinho. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

KRAUT, Richard (org.). *Platão*. São Paulo: Ideias e letras, 2013.

LAFRANCE, Yvon. *Les puissances cognitives de l'âme : la réminiscence et les Formes intelligibles dans le Ménon (80a-86d) et le Phédon (72e-77a)*. *Études platoniciennes* [En ligne], 4 | 2007, mis en ligne le 01 septembre 2016, consulté le 24 avril 2023. URL : <http://journals.openedition.org/etudesplatoniciennes/914>;DOI:<https://doi.org/10.4000/etudesplatoniciennes.914>

FRANKLIN, Lee. *Recollection and Philosophical Reflection in Plato's 'Phaedo. Phronesis*, vol. 50, no. 4, 2005, pp. 289–314. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/4182786>. Accessed 26 July 2023.

MOREIRA, Marco. *Teorias de aprendizagem*. EPU, 1999.

PORTO, Leonardo Sartori. *Filosofia da educação*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

SCOLNICOV, Samuel. *Como ler um diálogo platônico*. *Revista Hypnos* 11 (2003). p. 49-59

SCOLNICOV, Samuel. *Plato's metaphysics of education*. Routledge Library Editions: Plato. 1988.

SHOR, I e FREIRE, P. *medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro, paz e terra, 1986.

STENZEL, Julius. *Platão educador*. Tradução de Alfred J. Keller. Campinas, Sp: Kirion, 2021.

TRABATTONI, Franco. *Platão*. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2012.

TRABATTONI, Franco. (2019). *Reminiscência e metafísica em Platão*. Revista Archai, (26). 2019.

TRINDADE, José. *Para ler Platão. O problema do saber nos diálogos sobre a teoria das formas (tomo 2)*. Loyola. São Paulo, 2008.